

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - ICSA

ANA CAROLINA RIGUETTE PINTO

**MERCADO DE CAFÉ NO BRASIL: DINÂMICA NA PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO
POR TIPO DE CAFÉ.**

VARGINHA/MG

2023

ANA CAROLINA RIGUETTE PINTO

**MERCADO DE CAFÉ NO BRASIL: DINÂMICA NA PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO
POR TIPO DE CAFÉ.**

Trabalho de conclusão do PIEPEX
apresentado como parte dos requisitos para
a obtenção do título de Bacharel em Ciência
e Economia pela Universidade Federal de
Alfenas *campus* Varginha.

Orientadora: Dra. Alinne Alvim Franchine

VARGINHA/MG

2023

RESUMO

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise das exportações de café no Brasil, levando em consideração as diferentes formas que se pode comercializar o produto, desde o café verde até o industrializado. A partir disso, entender qual o posicionamento do país quanto a exportação de café com maior valor agregado. Para tais fins, foi realizada uma revisão de literatura narrativa utilizando artigos secundários e também estatísticas de órgãos como o Conselho dos Exportadores de Café do Brasil, além de dados disponibilizados pela Associação Brasileira da Indústria de Café, Food and Agriculture Organization (FAOSTAT) e pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). Os resultados obtidos são capazes de mostrar que o Brasil tem participação relevante na exportação do café cru, sendo o maior produtor e exportador mundial. Entretanto, o mercado de café industrializado ainda não é um segmento com números expressivos no país ao se comparar com a capacidade produtiva que o mesmo possui.

Palavras-chave: Café; Agronegócio; Importação e exportação

SUMÁRIO

1- Introdução.....	5
2- Origem do café e chegada no Brasil	6
3- Panorama geral do mercado de café no Brasil	8
4- Análise do mercado de exportação e importação de café no Brasil	11
5- Considerações finais	20
Referências	22

1- Introdução

A agricultura brasileira tem exercido, desde os primórdios da formação do Brasil, um importante papel na economia nacional, em destaque o setor cafeeiro, que é um importante setor de produção tanto no âmbito de consumo interno, como para exportações.

Entre janeiro e dezembro de 2021, as exportações brasileiras totais somaram cerca de US\$ 280,4 bilhões, de acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Desse valor, a exportação de produtos agropecuários foi responsável por totalizar cerca de US\$ 120,6 bilhões, valor que inclusive é superior ao PIB do Equador, conseguindo alcançar um recorde histórico superando o ano de 2020 com um aumento de 19,7%. Enquanto os demais setores da economia brasileira somaram déficit de cerca de US\$ 43,8 bilhões, o setor do agronegócio teve um superávit de aproximadamente US\$ 105,1 bilhões, o que levou o saldo da balança comercial do Brasil a registrar um total de 61,2 bilhões (CNA, 2021). O café foi responsável por arrecadar US\$ 6,4 bilhões, mesmo com sua produção afetada pelos efeitos fisiológicos da bienalidade negativa, e também pelas adversidades climáticas. Com o mercado internacional aquecido desde o início da pandemia houve uma valorização do produto que fechou o ano com alta de 19,6 % no preço médio comparando com o ano de 2020 (IPEA, 2022).

No Brasil, o consumo interno chegou a 21,5 milhões de sacas em 2021, o que corresponde a um crescimento de 1,71% em relação ao mesmo período analisado no ano anterior. Tal crescimento manteve o país em segundo lugar como o maior consumidor de café mundial, perdendo a primeira posição apenas para os Estados Unidos, com uma diferença de 4,5 milhões de sacas (ABIC, 2021).

A produção, entretanto, necessita evoluir para conquistar o mercado emergente de cafés especiais e industrializados, já que na atualidade, existe uma busca por produtos diferenciados e de qualidade superior, que também vai influenciar no aumento dos valores de mercado do mesmo (GUIMARÃES; 2016). Apesar do título de maior produtor e exportador mundial, os dados apresentados ao longo do trabalho evidenciam que tal colocação não permite que o país se destaque no mercado de café industrializado, ou seja, o fator produção não é

objeto determinante para a inserção e evolução nesse tipo de mercado. Tal ótica se repete nos demais países produtores e exportadores do café em grão.

O objetivo do presente trabalho é realizar uma análise do mercado de café no Brasil, buscando apresentar além da importância do setor para a economia brasileira, as formas mais utilizadas de agregação de valor e como o país vem se posicionando perante às inovações emergentes e as novas demandas de mercado. A relevância do tema se dá pela necessidade de se compreender como e porque a produção cafeeira que já exerce um papel importante na economia brasileira, ainda necessita importar café industrializado de outros países, fazendo assim uma análise entre exportação e importação do produto nos anos de 2011 a 2021.

O trabalho se divide em três seções, além da introdução e considerações finais. A primeira delas, apresenta a história do café e como se deu a chegada do grão no Brasil. A seção seguinte busca fazer um panorama geral da produção e exportação de café no Brasil nos últimos anos, apresentando dados que demonstram a importância da produção no país. E por fim, a última seção apresenta uma análise feita com dados de 2011 a 2021, que ilustra como se deu a participação do Brasil no mercado internacional de café nesses anos.

2- Origem do café e chegada no Brasil

A primeira referência alusiva ao café foi encontrada em um manuscrito do lêmên do ano de 575. A chamada “Lenda de Kadi” diz que um pastor de cabras da Etiópia, percebeu o efeito animador que surgia em seu rebanho após mastigar a planta, e resolveu então experimentar seus efeitos, para comprovar suas suspeitas sobre o potencial energético da planta. A notícia se espalhou pela região, fazendo com que mais pessoas começassem a consumi-la de forma macerada. Mesmo sabendo que a história pode ser apenas uma lenda, o foco deve ser no registro feito do potencial existente no café, que tem sua importante presença na história do Brasil, principalmente em Minas Gerais que atualmente é o maior produtor do país, segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2021).

Quando a questão é a origem geográfica do grão, considera-se que a *coffea arábica* seja nativa da região nordeste da África (Cafa e Enária), porém foram os árabes os primeiros a dominarem as técnicas de plantio favoráveis, possuindo solos férteis e propícios, além da forma de preparação do produto. Sua utilização, no entanto, era feita de formas diferentes com as quais se é comum atualmente, já que o processo de torrefação só foi desenvolvido no século XIV na Europa, até então uma das formas utilizada era a infusão do fruto seco em água fervida, para evitar o sono, e foi no Egito que o hábito de adoçar a bebida teve seu início. Com a popularização da bebida nas arábias, não demorou muito para que ocorresse a consagração do produto também no Ocidente, e foi com as cruzadas que o comércio entre europeus e árabes tomou novas e maiores proporções, facilitando a introdução do café no continente (NAKAZONE, 2004).

Os relatos da chegada do café no Brasil, pode possuir assim como a história da origem, algumas questões não comprovadas, porém algo se assemelha quando se fala no nome do responsável pelo acontecimento, na que é a versão mais aceita pelos estudiosos do assunto. Em 1727, as mudas de café foram introduzidas no país pelas mãos do Sargento-mor Francisco de Mello Palheta, esse acontecimento ocorreu na época em que a política mercantilista trazia a ideia de exploração máxima das terras brasileiras, que até então era colônia de Portugal. Naquele período já capitalista, a coroa portuguesa buscava se destacar na exploração econômica, dessa forma, apenas as chamadas “drogas do sertão” (Açúcar, algodão e fumo), não eram suficientes, fazendo com que mais produtos tropicais fossem buscados. Foi nos anos de 1723 a 1729, que o governador capitão-general João da Maia da Gama, além das já habituais expedições guarda-costas, ordenou expedições militares, que em uma delas estava sob o comando, Francisco de Mello Palheta, que de forma secreta por trás dos objetivos militares, tinha a missão de obter mudas de café que haviam sido cultivadas com sucesso na Guiana Francesa (MARTINS, 2012, p. 39).

[...] se acaso entrar em quintal ou jardim ou roça onde houver café, com pretexto de provar alguma fruta, verá se pode esconder algum par de grãos com todo o disfarce e com toda a cautela recomendará ao dito cabo que volte com toda a brevidade e que não tome coisa alguma fiada aos franceses, nem trate com eles negócio.
(Francisco de Melo Palheta, 1727, capítulo 10º do regimento apud MARTINS, p. 35)

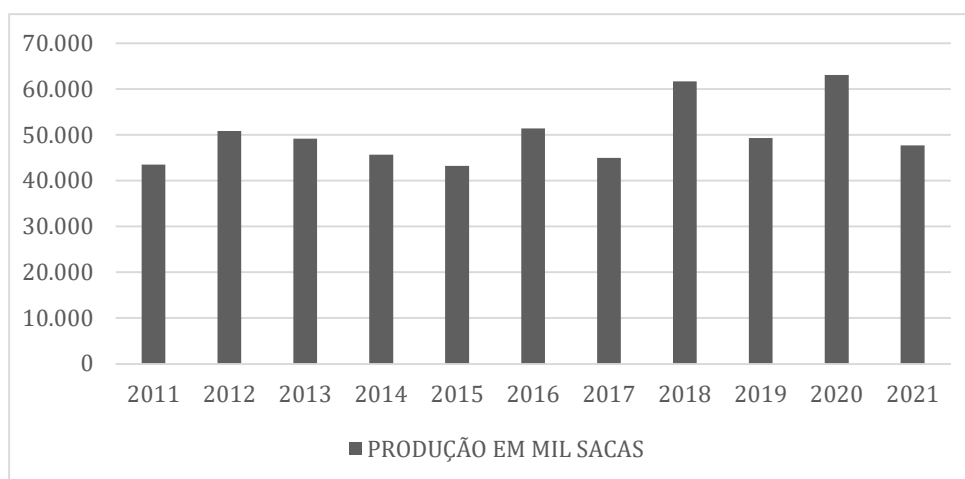
A missão obtém sucesso, e é transportada para o Brasil “mil e tantos frutos e cinco plantas” (Graner e Godoy Junior, 1967) para a cidade de Belém (PR), mas ali a cultura não é difundida como o esperado. Entretanto, é oriunda desse núcleo que a planta chega mais tarde até o estado do Rio de Janeiro, pelas mãos do desembargador João Alberto Castello Branco. Deve-se levar em conta, que apesar da boa adaptação das mudas na região, os senhores de engenho tinham suas atenções voltadas para a cana de açúcar, que até então era o principal produto agrícola da colônia, mesmo que a concorrência em sua produção estivesse prejudicando a sua colocação no mercado, e o ouro já não era encontrado com tanta abundância mais. A movimentação, tanto a preocupante situação na produção do açúcar, como a ascensão do café no mercado exterior, começa a chamar a atenção dos produtores no país que buscam enriquecimento e acabam se lançando no novo empreendimento do momento, desde que o mesmo não exigisse investimento de capital elevado, técnicas especializadas e mão de obra especializada, situação na qual o café se encaixava perfeitamente (FILETTO, 2000).

Em Minas Gerais as lavouras parecem ter surgido por volta do século XVIII, onde tiveram inicialmente uma maior concentração na Zona da Mata, devido sua proximidade com o Rio de Janeiro que facilitava o transporte, não demorou muito para que o movimento ascendente do mercado levasse com êxito as plantações para o sul de Minas, alcançando Goiás. Além disso, no ano de 1789, a então conhecida como Colônia francesa de Saint Domingue (hoje, Haiti), se transformava no maior produtor mundial, porém devido a revolução em Saint Domingue que acontece em 1804 a produção local é derrubada, o que abre espaço para que o Brasil avance na produção. Embora ainda aconteça em pequena escala, a então colônia portuguesa começa a exportar de forma regular o grão, e em poucas décadas o Brasil já dominava a oferta mundial (NAKAZONE, 2004).

3- Panorama geral do mercado de café no Brasil

O Brasil, conhecido pelo seu amplo território, tem a produção de café bastante difundida em sua extensão. Atualmente, o cultivo acontece nas cinco regiões geográficas brasileiras, composta por 17 estados, incluindo o Distrito Federal. Além disso, essa produção se dá tanto no mercado de café arábica como no de robusta, colocando o país como maior produtor mundial de café arábica e o segundo maior produtor de café robusta, o tornando o maior produtor mundial, participando dos dois mercados (arábica e robusta) comerciais (GAMA, 2021). O gráfico 1 apresenta a evolução da produção nacional das duas espécies de grão.

Gráfico 1 – Produção total de café beneficiado arábica e robusta, Brasil, 2011-2021



FONTE: ABIC (2022)

No ano de 2011 a produção de café robusta e arábica foi de 43.848 mil sacas, já em 2021 passou para 47.716 mil sacas, ou seja, foram 3.868 sacas a mais, um aumento de 8,8 %. O ano de 2020 se destaca com uma produção de 63.103 mil sacas, que segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) foi a maior da história, um crescimento de 2,3 % em relação ao recorde anterior, de 2018 e 27,9% em relação a colheita do ano anterior de 2019. Esse pico de produção, pode ser justificado pelo clima que contribuiu para o desenvolvimento das lavouras e também pela bienalidade positiva do ano.

Ao analisar essa produção para o ano cafeeiro em curso de 2022, o destaque se dá na região sudeste com faturamento aproximado de R\$ 54,8 bilhões que corresponde a cerca de 87,1% do total nacional produzido. Em

seguida, a Região Nordeste apresenta uma receita de R\$ 4,13 bilhões, representando 6,6 % do total. O faturamento de R\$ 2,65 bilhões, correspondentes a 4,2% fica por conta da Região Norte do país. A Região Sul tem receita prevista de R\$ 768,47 milhões, em termos percentuais sua participação é de 1,2 %. E por fim, calcula-se que a Região centro-oeste, possui faturamento de cerca de R\$ 542,35 milhões, que equivale a menos de 1% da receita total (FERREIRA, 2022).

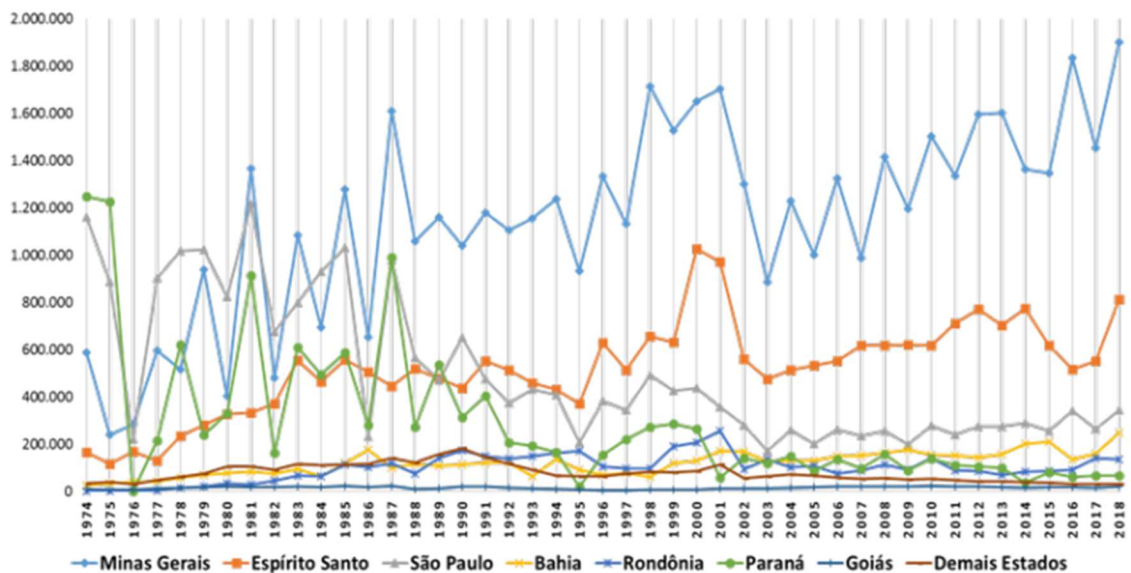
São diversos fatores que levam uma região a se destacar mais que a outra, como diversidade social e cultural, e principalmente questões relacionadas ao relevo, solo, altitude e índices pluviométricos (BLISKA, FM de M. et al,2009). O uso da variedade adequada no cultivo do café é fator importante para o bom desenvolvimento da produção. Em 2021 foi verificado que a área ocupada pela produção de café no Brasil foi de 1,82 milhões de hectares. Do total dessa área 1,45 milhões de hectares são destinadas ao cultivo do café tipo arábica e 375,99 são responsáveis pelo tipo Conilon (EMBRAPA, 2021).

A cafeicultura presente em diversos estados brasileiros, é cultivada em mais de 280 propriedades, em que 85% se refere a pequenos produtores, o que contribui no desenvolvimento social, visto que nessas pequenas propriedades muito se utiliza a agricultura familiar e um grande contingente de mão de obra na colheita e pós colheita. Tal mercado gera mais de 8 milhões de empregos diretos e indiretos no país, ou seja, não é apenas uma cadeia de grande importância econômica, pois também exerce notória participação cultural, histórica e social. Entre os anos 2000 até 2013 o país viu sua produção evoluir cerca de 58,2%, entretanto esse aumento não se deu devido a sua área de produção, que se manteve praticamente estável nesses anos, evidenciando então que o ocorrido se deu devido a um grande aumento na produtividade dos que já se encontravam nesse mercado. Além da maior produtividade, o aumento no consumo interno foi de 59%, o consumo *per capita* que no ano de 2000 era de 4,8kg/habitante/ano passou a ser em 2013 6,4 kg/habitante/ano (NOGUEIRA et al.,2015).

O Estado de Minas Gerais é desde o ano de 1980 o maior produtor de café do país, responsável por 53,4 % da produção nacional, seguido pelo estado do Espírito Santo, São Paulo e Bahia, que são responsáveis por 22,8%, 9,6 % e 7% respectivamente, segundo dados de 2019 publicados pelo Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE). Na Figura 1, é ilustrada a dinâmica da produção de café nos estados produtores ao longo dos anos, nela observa-se que Minas Gerais e Espírito Santo possuem crescimento significativo. Minas Gerais, São Paulo e Bahia cultivam de forma predominante o café arábica, já os Estados do Espírito Santo e Rondônia são fortes produtores do *coffea canéfora*, conhecido por café robusta, que são destinados principalmente para a indústria de café solúvel e para a produção dos “blends” (BOLETIM TÉCNICO DO AGRONEGÓCIO, 2020). Apesar de sua forte produção de café robusta, a produção capixaba é bastante diversificada, sendo que o arábica é cultivado em regiões de temperaturas mais baixas e altitudes acima de 500 metros, já o Conilon, variedade da espécie robusta, reage melhor em regiões mais quentes e normalmente é plantado abaixo de 500 metros de altitude (SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA, ABASTECIMENTO, AQUICULTURA E PESCA, 2019).

Figura 1 - Produção total de café, em toneladas, principais Estados produtores, Brasil, 1974 a 2018.



Fonte: IBGE, 2018. Elaboração: Retirado do boletim técnico do agronegócio, 2020

4- Análise do mercado de exportação e importação de café no Brasil

Apesar da importante participação relativa do Brasil em relação à exportação de café e também ao consumo interno, a produção necessita se

qualificar para conquistar o mercado emergente de cafés especiais, que segundo a definição proposta pela Associação Brasileira de Cafés Especiais, vai além da qualidade da bebida. Também é levado em consideração critérios ambientais e sociais de produção entre outras formas existentes de agregar valor, como exemplo, é possível encontrar no mercado os já conhecidos café Gourmet, Orgânico, Dose Única, Comércio Justo e com Indicação Geográfica (BARONE; FREDERICO, 2015).

Na atualidade, existe uma busca por produtos diferenciados e de qualidade superior, que também vai influenciar no aumento dos valores de mercado do mesmo. Essa busca se expressa nos números apresentados pela Associação Brasileira da Indústria do Café (ABIC, 2015), que mostra que a procura por esse tipo de bebida cresce em média de 15% a 20% ao ano, enquanto o tipo comum de café cresce em média 3% ao ano (MOREIRA et. al., 2016).

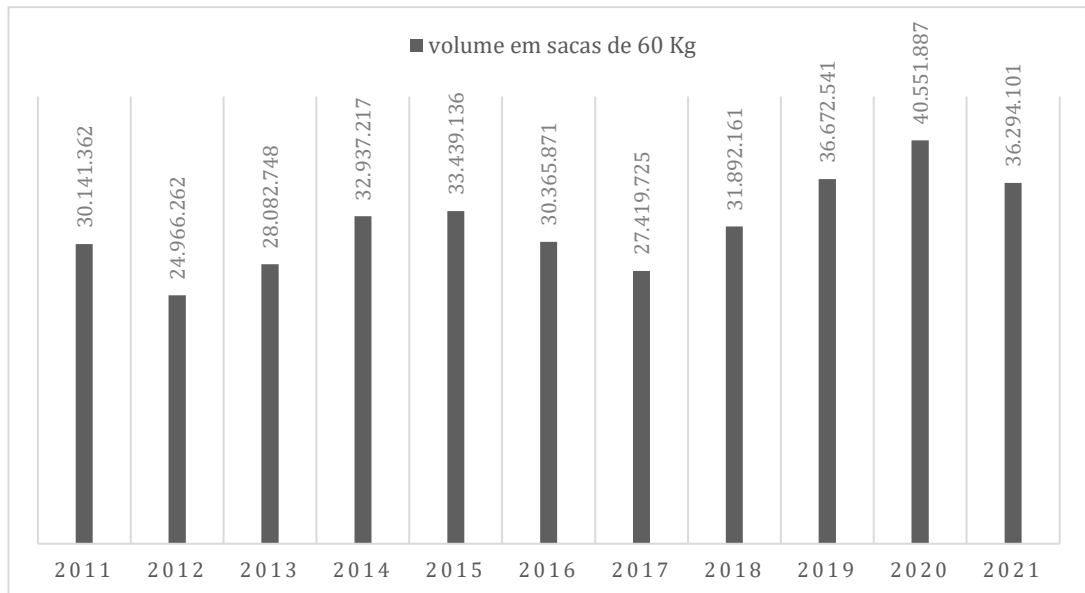
Café, hoje, não é mais uma bebida amarga e necessariamente escura, superconcentrada. Beber café hoje é cool, tem a cara e o jeito dos jovens. O público jovem, além de consumidor, tem encontrado no café um novo nicho, a possibilidade de desenvolver carreiras ligadas ao produto. [...] A antiga receita da geração dos nossos avós voltou de maneira reformulada. O café filtrado cresce e ganha espaço, mas seguindo o conceito monodose – preparado na AeroPress®, no filtro de papel, ou em sachês ou cápsulas. (HERSZKOWICZ, 2014, p. 44)

Essa busca dos cafeicultores por atualização técnica por meio de novos conhecimentos e conseqüentemente, desenvolvimento de novos produtos baseados em pesquisas que surgem através de investimentos no setor, foi desencadeado pela necessidade de atender o seu público-alvo. Essa nova configuração de produção foi denominada por especialistas como a terceira onda do café, em que para entrar e permanecer entre os concorrentes deve-se buscar qualidade e desenvolvimento tecnológico, isso se dá tanto do mercado interno como no externo (CONCEIÇÃO et al., 2019).

Sabendo que, a maioria dos países que importam o café do Brasil possuem indústrias próprias, podendo fazer os processos de torrefação e toda a transformação do grão, majoritariamente o café que sai do país é o café verde.

Tal afirmação é ilustrada com os presentes dados informados no gráfico 2, que expressa o volume exportado desde o ano de 2011 até 2021. Em 2021 foram exportadas 36.294,1 mil sacas de café, um aumento de 20,4% em relação ao ano de 2011. O ano de 2020 novamente se destacou com um crescimento de 10,5 % em relação a 2019, segundo o presidente do Cecafé, Nicolas Rueda, o recorde reflete a safra 2020/21, que também teve uma produção recorde, além da eficiência comercial e logística dos exportadores brasileiros e o profissionalismo dos cafeicultores do país.

Gráfico 2: Exportações brasileiras de café verde, 2011-2021



FONTE: ABIC (2022)

Os países que concorrem comercialmente com o café verde brasileiro estão representados na Tabela 1. A colômbia apostou na agregação de valor e com um grande investimento de marketing consolidou sua marca, tendo seu café conhecido como o “suave colombiano”. Já o Vietnã tem seu crescimento ao longo dos anos cada vez maior, com sua produção voltada principalmente para o café robusta (CONCEIÇÃO et. al., 2019).

Tabela 1 - Principais exportadores de café verde, em toneladas, 2011-2020

	BRASIL	VIETNÃ	COLÔMBIA	INDONÉSIA
2011	1.791.207	1.256.400	433.646	346.092
2012	1.503.713	1.705.033	396.365	447.064

2013	1.699.147	1.306.503	543.685	532.157
2014	1.986.506	1.643.243	619.108	382.774
2015	2.005.034	1.280.202	713.060	499.651
2016	1.823.886	1.700.998	734.689	412.529
2017	1.647.811	1.459.345	712.542	448.955
2018	1.827.000	1.613.486	712.696	277.475
2019	2.230.872	1.409.810	753.366	326.050
2020	2.372.633	1.231.314	694.928	375.671
TOTAL	18.887.809	14.606.334	6.314.085	3.673.123

FONTE: FAOSTAT (2022).

Além de serem os maiores exportadores mundiais de café verde, esses países também são os maiores produtores, como se pode observar na tabela 2. O café é uma cultura perene, adaptada à zona tropical e subtropical, sendo em sua maioria cultivado em países em desenvolvimento. A bebida é consumida basicamente em países desenvolvidos, onde não existem condições climáticas favoráveis para seu cultivo, mas há elevado nível de renda per capita, com exceção do Brasil que é grande consumidor. (NISHIJIMA;POSTALI;SAES, 2012).

Tabela 2- Principais países produtores de café verde, em milhões de toneladas, 2011-2020

	BRASIL	VIETNÃ	COLÔMBIA	INDONÉSIA
2011	2.700.540	1.276.506	468.540	638.600
2012	3.037.534	1.260.436	462.000	691.163
2013	2.964.538	1.326.688	653.160	675.800
2014	2.804.070	1.406.469	728.400	643.900
2015	2.647.504	1.452.999	827.750	639.412
2016	3.024.466	1.460.800	818.243	639.305
2017	2.684.508	1.542.398	851.640	717.962
2018	3.552.729	1.616.307	813.420	756.051
2019	3.011.745	1.686.765	885.120	741.657
2020	3.700.231	1.763.476	883.400	773.409
TOTAL	30.127.865	14.792.844	7.391.673	6.917.259

FONTE: FAOSTAT (2022)

Os dados da tabela 3 elucidada de forma mais clara como a importação de café verde ocorrem em sua maioria por países desenvolvidos. Além do consumo, o café é um produto muito importado por países que não são grandes produtores, sendo então uma estratégia a importação do grão para a sua posterior reexportação (FERREIRA; THOMÉ, 2015).

Tabela 3 - Principais importadores de café verde, 2011-2020 - Toneladas

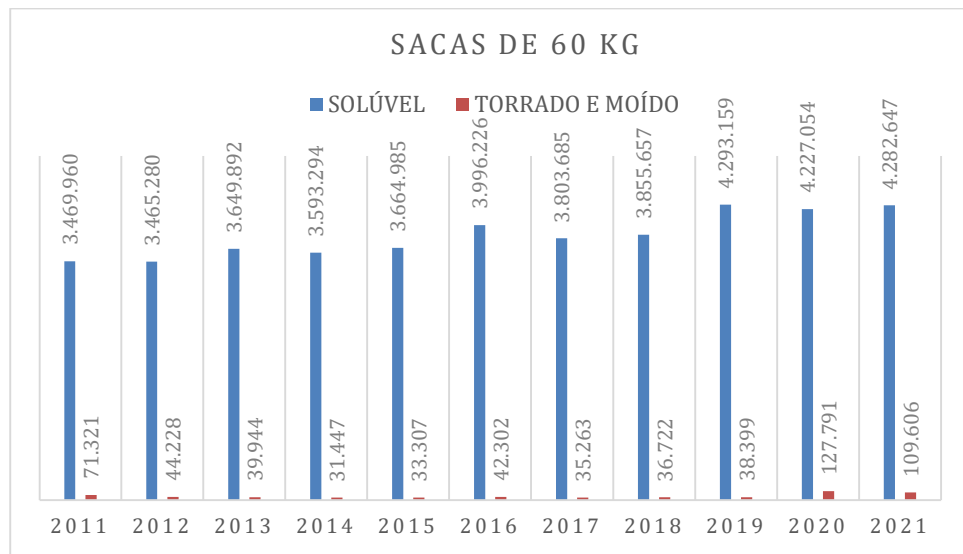
	EUA	ALEMANHA	ITÁLIA	JAPÃO
2011	1.376.620	1.105.436	473.431	416.805
2012	1.371.338	1.141.145	497.261	379.982
2013	1.423.815	1.116.376	505.675	457.087
2014	1.457.102	1.129.648	534.509	409.372
2015	1.462.570	1.077.757	533.180	435.261
2016	1.518.126	1.140.989	580.274	435.140
2017	1.531.321	1.098.833	569.916	406.330
2018	1.493.440	1.124.983	606.995	401.144
2019	1.592.249	1.135.347	615.972	436.546
2020	1.427.849	1.120.426	566.783	391.611
TOTAL	14.654.430	11.190.940	5.483.996	4.169.278

FONTE: FAOSTAT (2022)

Quando a análise se dá no âmbito da industrialização do grão, nota-se que no Brasil, o volume é expressivamente menor, conforme observa-se no gráfico 3, demonstrando a dificuldade encontrada pelo país de se inserir no mercado externo com produtos com maior valor agregado e também a preferência dos demais países pelo grão *in natura*. Segundos dados da International coffee organization – ICO (2013), o Brasil exportou 67% do café produzido, em que 90% se tratava de café verde e os 10% restante de café solúvel.

Uma das possíveis explicações seria a falta de consolidação do setor, que apesar dos avanços ainda possui atrasos tecnológicos e gerencial, além de barreiras comerciais levantadas por empresas que reexportam café verde e T&M (CONCEIÇÃO et al., 2019).

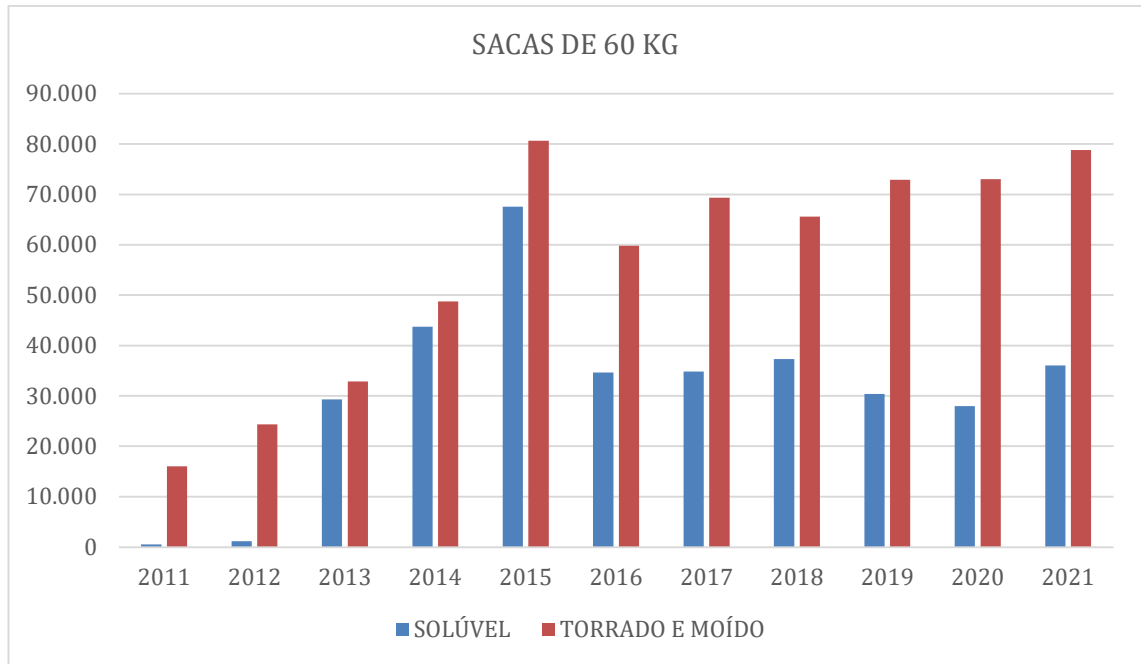
Gráfico 3 – Exportações brasileiras de café torrado e moído e solúvel, 2011-2021



FONTE: ABIC (2022)

Quase toda a produção nacional da indústria de torrefação e moagem é escoada para o varejo nacional, restando apenas uma parte insignificante da produção destinada à exportação. Já a indústria de solúvel possui atuação reversa, já que grande parte é destinada ao exterior e apenas uma pequena porção é consumida no mercado interno (MORAES; NASSAR, 2022). Portanto, o que se nota é que apesar de todo volume produzido e exportado, o Brasil ainda possui uma demanda por produtos importados, como café torrado e cafeína, ou seja, produtos que passam por processos mais intensos de industrialização (FGV, 2022), conforme observa-se no gráfico 4 que apresenta as importações brasileiras de café.

Gráfico 4 - Importações brasileira de café torrado e moído e solúvel, 2011-2021



FONTE: ABIC (2022)

Segundo levantamento de dados feito pelo ComexStat, no ano de 2021, o Brasil importou cerca de 4.821,16 toneladas de café torrado, essências e concentrados de café, 11,2% a mais se comparado com o ano de 2020, para isso foi desembolsado cerca de 79,24 milhões de dólares. Quanto à origem do produto, no ano de 2021 a Suíça foi responsável por 55% do total importado pelo Brasil, seguido por 18% da França, 8,1 % do Reino Unido, 4,5% da Itália e 4,5% da Espanha (ComexStat, 2022).

Quando se olha para a esfera mundial de café industrializado, principalmente o T&M, nota-se que o grupo que se destaca na produção e exportação de café em grão não é o mesmo. Na tabela 4, temos os dados dos maiores exportadores de café torrado a nível mundial.

Alemanha, Itália e EUA são países que se encontram entre os maiores importadores de café *in natura*, ao mesmo tempo se encontram juntos aos maiores exportadores do café torrado e moído. Evidenciando a estratégia de agregação de valor para reexportação.

Tabela 4 - Principais exportadores de café torrado e moído ou descafeinado, 2011-2020 - Toneladas

	ALEMANHA	ITÁLIA	EUA	HOLANDA	SUÍÇA
2011	166.891	126.574	100.663	54.787	41.542
2012	169.196	136.522	93.471	50.915	46.911
2013	190.614	150.032	98.089	43.211	52.508
2014	210.096	165.879	99.417	51.471	56.503
2015	203.776	175.986	89.725	67.635	60.431
2016	215.472	198.570	88.927	67.044	65.815
2017	221.406	209.036	86.317	90.518	70.552
2018	227.276	220.590	84.720	101.706	75.150
2019	236.144	257.575	84.725	101.580	82.293
2020	245.626	239.579	79.771	98.949	95.858
TOTAL	2.086.497	1.880.343	905.825	727.816	647.563

FONTE: FAOSTAT (2022)

A exceção a essa regra, seria o mercado exportador de café solúvel brasileiro que é atualmente considerado o principal fornecedor do produto. Em 2012 foi responsável por 27% das exportações mundiais, que totalizaram aproximadamente 13,450 milhões de sacas de 60 kg. Apesar da boa colocação, as exportações de café solúvel ainda vivenciam fase de estagnação (CARVALHO, 2014).

Em entrevista realizada pela Embrapa café o diretor-executivo da Associação Brasileira Da Industria do Café Solúvel (Abics), Roberto Ferreira afirmou que o Brasil não tem deixado de lado o mercado de café industrializado, não podendo negar a importância do valor que se agrega ao produto, além da grande quantidade de empregos que é gerado durante o processo. Segundo ele, o maior empecilho que impede o país de uma melhor colocação no ramo do café solúvel, por exemplo, seria a insuficiência de café conilon que é sua principal matéria prima, que também é utilizado na indústria do café torrado e moído. Além disso, o Sistema Geral de Preferências (SGP) da união Europeia impôs sobre o café brasileiro industrializado tarifas de 9%, a qual é muito superior ao se comparar com países concorrentes que pagam no máximo cerca de 3,1 % (Consortio Pesquisa Café, 2013).

Entretanto, no dia 28 de junho de 2019, foi divulgado a conclusão da negociação feita entre Mercosul e União Europeia, que eliminaria as tarifas de

exportação durante 4 anos após a implantação do acordo. Tal acordo resultaria em um grande impacto para a economia brasileira, podendo ser destacado o setor de café beneficiado, no qual é projetado um aumento de 33% nas exportações. Tal expansão se daria por meio de um possível aumento da produção de café solúvel e torrado, sem que ocorra de forma simultânea a diminuição na disponibilidade interna ou nas exportações de café em grãos. Diante de tal cenário, o referido acordo geraria crescimento na produção nacional, mais empregos, a renda oriunda do trabalho e também impostos diretos e indiretos. (BORCHERS et. al., 2022).

Outra forma de se consumir o café, já citada anteriormente, são as cápsulas. Esse produto conquistou consumidores de diversas partes do mundo, chegando a representar 1/3 das vendas de café industrializado em alguns países europeus. Essa tendência vem ao encontro da praticidade, já que para seu preparo é apenas necessário colocar o produto já embalado na máquina e apertar um botão, a bebida fica pronta em segundos. Além disso, a embalagem dos monodoses permite que a qualidade do café se mantenha por mais tempo. O consumo tende a migrar para dentro das casas, indo em contramão a onda do consumo nas famosas cafeterias, para os consumidores exigentes a qualidade do café extraído das cápsulas de café se assemelham ao retirado por um bom barista a um preço mais competitivo. Em países como EUA, as cafeterias ainda detêm força no mercado, e são classificadas como um estilo de vida ocidental, porém só o mercado de cápsulas Americano movimentou em 2012 US\$ 1.8 bilhões (NOGUEIRA et al.,2015).

O Brasil segue essa tendência mundial, tendo uma crescente demanda por cápsulas importadas (Cesar, 2017). Tal popularidade, pode ser atribuída com a conveniência de seu consumo, facilidade de preparo e diversidade de sabores disponíveis para compra (Guimarães, 2016). Projeções feita pela Euromonitor em 2016 calculam que em 2025 a participação das cápsulas ou monodoses podem chegar a aproximadamente 20 a 25% do consumo de café no Brasil (GALLOTTI et al.,2017).

O Ministério da Indústria e Comércio não diferencia café torrado e moído de café torrado e moído em cápsulas, mas conforme apresentado no gráfico 4, o ano de 2015 teve um acentuado aumento em relação a importação de café

torrado, o que coincide com o aumento da popularidade do produto no país. Tal premissa, leva em conta que as importações de café torrado e moído são compostas, em sua maioria, por cápsulas (Cesar, 2017).

5- Considerações finais

Apesar de ser o maior exportador de café do mundo, o mercado brasileiro tem seu foco central no café verde. Ao analisar esse setor do mercado, é visto que os números do país são realmente satisfatórios o colocando na posição de maior exportador mundial, tendo recentemente sido responsável por arrecadar US\$ 6,4 bilhões, mesmo com sua produção afetada pelos efeitos fisiológicos da bienalidade negativa, e também pelas adversidades climáticas. Entretanto, ao se analisar os dados citados na seção 4 do trabalho percebe-se que a grande parte da produção que sai do país não possui em si valor agregado. E ainda, que os demais países que se destacam no grupo de maiores produtores e exportadores de café mundial, não são destaques na exportação dos industrializados.

Nesse cenário, nota-se que países como Alemanha, Estados Unidos e Itália apostam na importação do café *in natura* do país, para realizar em seu território processos de agregação de valor, para em seguida reexportá-lo, inclusive para o próprio Brasil, conforme apresentado no ano de 2021 a Itália foi responsável por reexportar para o Brasil 4,5% do total de café com agregação de valor que o país importou.

Além disso, nota-se que esse panorama de mercado é gerado por diversos fatores, como o escoamento de quase toda a produção da indústria de torrefação e moagem para o varejo nacional, restando apenas uma parte insignificante da produção destinada à exportação (MORAES; NASSAR, 2022). Ainda, o país sofreu durante muitos anos com barreiras tarifárias como o Sistema Geral de Preferências (SGP) da união Europeia, que inviabilizava as negociações internacionais.

Desse modo, percebe-se a capacidade de produção do Brasil quando se trata de café e seu potencial para alcançar mercados mais dinâmicos e que possuem um maior valor de comercialização. Para não ficar estagnado apenas como um grande exportador de commodity o país necessita investir na indústria

nacional, com incentivos para desenvolvimento em solo nacional de produtos que estão se popularizando cada vez mais no exterior. Diminuindo assim, a sua necessidade de importar produtos com valores superiores do que poderia ser produzido no país e também podendo alcançar esse mercado com tendências de crescimento.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE CAFÉ. Indicadores Da Indústria de Café. **ABIC**, 2021. Disponível em: <https://estatisticas.abic.com.br/estatisticas/indicadores-da-industria/indicadores-da-industria-de-cafe-2021/#:~:text=Consumo%20chegou%20a%2021%2C5,e%20para%20a%20ind%C3%BAria%20nacional>. Acesso em: 17 de setembro de 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE CAFÉ. Tendência do mercado de café. **ABIC**, 2015. Disponível em: <https://estatisticas.abic.com.br/wp-content/uploads/2020/01/2015.pdf>. Acesso em: 17 de setembro de 2022.

BLISKA, FM de M. et al. Custos de produção de café nas principais regiões produtoras do Brasil. **Embrapa Café-Artigo em periódico indexado (ALICE)**, 2009.

Borchers, J., Gobi, J. R., Lopes, R. L., & Gonçalves, C. A. (2022). **Um estudo do impacto do Acordo Comercial com a União Europeia no mercado de café beneficiado**. Revista de Economia e Sociologia Rural, 60(4), e246787. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.246787>

BESSA. F. Os desafios do café solúvel brasileiro. **Consortio Pesquisa Café**, 2013. Disponível em: <http://www.consorcioquesquisacafe.com.br/index.php/imprensa/noticias/305-os-desafios-do-cafe-soluvel-brasileiro>. Acesso em: 01 de agosto de 2022.

Carvalho, J. N. D. (2014). **Desempenho das exportações de café solúvel do Brasil**.

CONSELHO DOS EXPORTADORES DE CAFÉ DO BRASIL. Café: Brasil exporta volume recorde de 45,6 milhões de sacas na safra 2020/21. **CECAFÉ**, 2022. Disponível em: <https://www.cecafe.com.br/publicacoes/noticias/cafe-brasil-exporta-volume-recorde-de-456-milhoes-de-sacas-na-safra-2020-21-20210712/>

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL (CNA). Balança comercial do agronegócio brasileiro – dezembro 2021. **CNA**, 2021. Disponível em: <https://www.cnabrazil.org.br/publicacoes/exportacoes-brasileiras-do-agronegocio-e-balanca-comercial> Acesso em: 20 de junho de 2022.

COSTA, J. N. M. et al. Características das principais variedades de café cultivadas em Rondônia. Documento 93. Embrapa. ISSN 0103-9865, Porto Velho RO, 21 p. Abril, 2004.

CESAR. E. Panorama da importação de cápsulas no Brasil. **Coffee insight**, 2017. Disponível em: <https://coffeeinsight.com.br/panorama-da->

<importa%C3%A7%C3%A3o-de-c%C3%A1psulas-no-brasil-1cef098c18cd>.

Acesso em: 01 de agosto de 2022.

CONCEIÇÃO, J.C.P.R; ELLERY JUNIOR, R.G.; CONCEIÇÃO, H.Z. Cadeia agroindustrial do café no Brasil: uma análise do período recente. **IPEA: Radar**, 2017.

ESTATÍSTICA DE COMERCIO EXTERIOR DO BRASIL. Exportação e importação geral. **COMEX STAT**, 2022. Disponível em:

<https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). SUMÁRIO EXECUTIVO DO CAFÉ – AGOSTO 2021. **EMBRAPA**, 2021.

Disponível em:

http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/informe_estatistico/Sumario_Cafe_agosto_2021.pdf / Acesso em: 18 de junho de 2021.

E.A, GRANER; DODOY, J. **Manual Do Cafeicultor**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

FERREIRA, L. Faturamento bruto da cafeicultura de Minas Gerais foi estimado em R\$ 34 bilhões e equivale a 54% do total das lavouras dos Cafés do Brasil em 2022. **CONSORCIO PESQUISA CAFÉ**, 2022. Disponível em:

<http://www.consorciopesquisacafe.com.br/index.php/imprensa/noticias/1125-2022-06-14-19-13-47/> Acesso em: 02 de junho de 2022.

FILETTO, Ferdinando. **Trajetória histórica do café na região sul de Minas Gerais**. 2000.

FREDERICO, S; BARONE, M. Globalização e cafés especiais: a produção do comércio justo da Associação dos Agricultores Familiares do Córrego D'Antas-ASSODANTAS, Poços de Caldas (MG). **Sociedade & Natureza**, v. 27, n. 3, 2015.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. A Industria Cafeeira no Brasil e suas Interações com o Comércio Internacional. **FGV**, 2022. Disponível em:

<https://gvagro.fgv.br/node/93>. Acesso em: 01 de agosto de 2022.

Gallotti, Maria-Eugênia Ramos, et al. "**Cápsula de café: uma análise com base em teoria da inovação buscando agregar valor à balança comercial brasileira.**" *Cadernos de Prospecção* 10.2 (2017): 137-137.

GUIMARÃES, E. **Terceira Onda Do Café: Base conceitual e aplicações**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Administração), Universidade Federal de Lavras, 2016.

GAMA, L.C.S. **Potencialidades de consumo do café brasileiro nos Estados Unidos**. Trabalho de conclusão de curso (Engenharia Agrícola e Ambiental) , Universidade Federal Fluminense, 2021.

HERSZKOWICZ, N. O futuro. In: ANDREOTTI, Carlos A. (Org.). **Chefs: Café**. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Comércio exterior do agronegócio: balanço de 2021 e perspectivas para 2022. **IPEA**, 2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2022/01/comercio-exterior-do-agronegocio-balanco-de-2021-e-perspectivas-para-2022/> Acesso em: 20 de Junho de 2022.

INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION. Historical data. Disponível em: <http://www.ico.org>. Acesso em: 11 abr. 2012.

MARTINS, Ana Luiza. **História do café**. Editora Contexto, 2012.

MORAES, M; NASSAR, A . **Estudo da competitividade de cadeias integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio**. . Campinas: UNICAMP-IE-NEIT. . Acesso em: 27 jul. 2022.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS. Estatísticas de comércio exterior. Ministério da Indústria, **Comércio Exterior e Serviços**, 2022. Disponível em: <http://mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior>

NAKAZONE, Douglas; SAES, Maria Sylvia Macchione. O agronegócio do Brasil no mercado internacional. **Revista Fae Business**, v. 9, p. 40-42, 2004.

NOGUEIRA, J G A. et al. **Estratégias para a Cafeicultura no Brasil**. Editora Atlas SA, 2015

Nishijima, M, Saes, M. S. M, Postali, F. A. S. Análise de concorrência no mercado mundial de café verde. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 50, p. 69-82, 2012.

Thomé, K. M; Ferreira, L. S. **Competitividade e estrutura de mercado internacional de café: análise de 2003 a 2012**. 2015

TEIXEIRA, S.M. **Boletim técnico do agronegócio**, 2020. Disponível em: <https://www.agricultura.gov.br/informativos/boletim-t%C3%A9cnico-do-agronego%C3%B3cio-caf%C3%A9.html>

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA, ABASTECIMENTO, AQUICULTURA E PESCA. O melhor café é o capixaba. **SEAG**, 2019. Disponível

em: <https://seag.es.gov.br/Not%C3%ADcia/o-melhor-cafe-e-o-capixaba>. Acesso em: 17 de setembro de 2022.

SECRETARIA DE ESTADO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Boletim técnico do agronegócio, 2022**. Disponível em: <https://www.agricultura.go.gov.br/informativos/boletim-t%C3%A9cnico-do-agroneg%C3%B3cio-caf%C3%A9.html>